CARLISSON BARDO

AS SEMENTES DO MUNDO INFERIOR

08-14 PARTE III

	Um grupo de aventureiros recebe a missão de plantar quatro bagas no subterrâneo, na borda do perigoso reino de Varmadum. O que parecia uma missão simples toma outros rumos quando Sharon, um dos membros do grupo, é sequestrada para uma cidade distante, no meio do mundo inferior. Assim começa a nossa história. • Episódios publicados semanalmente no Wattpad: https://www.wattpad.com/story/262851984-as-sementes-do-mundo-inferior
	Para esta segunda parte, uma mudança fundamental é a forma como ela será publicada. A publicação será em PDF diagramado para ler no celular. Cada episódio, um arquivo. Os arquivos serão distribuídos pelos canais eCordel. Basta se inscrever em qualquer um deles e você receberá os episódios conformem forem lançados. Todos os episódios estarão, porém, reunidos em uma página própria da novela, que explica a ideia e agrupa material. Seguem os links para você acompanhar: • Canal eCordel no Element/Matrix • Canal eCordel no Telegram • Canal eCordel no Whatsapp • Link principal da novela: https://link.cordeis.com/sementes/

	Finalmente começou a ser publicada a terceira parte da saga de All Thorn, Sharon e companhia. **As Sementes do Mundo Inferior – Parte III** vai ser publicada no Wattpad, com compilados de 7 episódios sendo feitos em ebook gratuito, periodicamente. É um mix entre as formas de publicação da primeira e da segunda parte. Acompanhe lá no Wattpad e espero que goste desse novo trabalho. Todo sábado pretendo publicar um novo episódio, no que devem se somar, mais uma vez, 50 ao final. Boa leitura! • As Sementes do Mundo Inferior – Parte III

Este ebook apresenta os episódios 8 a 14

Arapiraca (AL), 12 de outubro de 2024

"All Thorn tentou combinar efeitos de uma de suas magias com uma habilidade mágica que Wolfgar tinha acesso. Não como estratégia de aplicar seus efeitos num momento certo. A ideia era combinar alquimicamente os efeitos, gerando um terceiro efeito, que se esperava que fosse melhor que os dois efeitos, mas não esse. Tanto All Thorn quanto Teraaz ficaram cegos. O caso foi tão sério que ele parecia aéreo, sem saber nem mesmo como usar suas habilidades sagradas de paladino."

– Certo. – Ezelius começa a falar, após ponderar um pouco. – Faz muito sentido pra mim que o Neriom esteja naquela árvore. Afinal, ele é sacerdote de Kreskajia e aquilo lá é o mais perto de "natureza" que se vê por essas bandas.

– Inte’ressante. – Tim Gladus alisa o próprio bigode, pensativo. – Entón temos devotos de dife’rentes divindades aqui! Ele deve seguir Suno.

– Sim, eu sou paladino da Ordem de Suno Brilhante. – All Thorn responde.

– O anón também é sacerdote? Vi um martelo com símbolo de Roko.

– Cadê meu martelo!?

Tim ergue as mãos, pedindo calma, e continua.

– Nón soi sacerdote nem nada assim, mas sou devoto da deusa Ma’ra.

– Tá legal, eu quero saber é do meu martelo.

– Já falei, está longe. Não posso dar ago’ra se que’rem antes encont’rar seu amigo. Se muda’ram de ideia, pa’ra mim é até melhor, mas não dá p’ra fazer as duas coisas na ordem cont’rária ou ficamos p’resos.

– Entendi direito não, mas vamos procurar o Neriom. – Wolfgar fala, contrariado, faz uma pausa e completa. – Mas ainda quero o meu martelo.

– Vamos lá, se a gente tem pouco tempo. – Haseid coloca a mão no ombro de Wolfgar brevemente e le-

vita um pouco acima do chão. – Vou rastrear aquele nanico traquina!

Enquanto o patrulheiro voa rumo à árvore, o grupo se move por chão. Exceto Ezelius, mas ele vai devagar, acompanhando seus colegas.

Eles veem Haseid voando pela árvore e observando. Após algum tempo, ele volta. O grupo o encontra na metade do caminho, quando ele pousa e pede que parem um pouco.

– Encontrei ele.

– Como ele está? – Sharon pergunta, transparecendo preocupação.

– Bom, sabe? Entendi porque estão chamando ele de louco do chapéu. Ele não me viu. Está sentado descansando, encostado na árvore, abraçando as pernas e cantando baixinho.

– Cantando? – All Thorn pergunta, surpreso. – Cantando o quê?

– Não entendi direito. Algo como “estar junto pra crescer” e “vou me espalhar por aí”. Não ouvi direito, mas era estranho. Não parecia ter ritmo certo e nem mesmo rimava! Dá pra entender porque um bardo o chamaria de maluco do chapéu!

– Certo. – Wolfgar fala, já prestes a voltar a andar. – Vamos buscar o baixinho logo pra ir atrás das roupas e do meu martelo.

– Espere que tem mais uma coisa. O chapéu dele está estranho, está ficando cheio de um musgo ou mofo.

– Como assim?

– Teria algo a ver com o jeito que ele estava se comportando? – Sharon pergunta, olhando para cada um dos colegas tentando ler uma resposta em seus rostos. – Ele pode estar doente ainda.

De repente, uma série de pequenas pistas montam um quebra-cabeça perfeito na cabeça de Haseid. Aquelas peças que pareciam não fazer o menor sentido de repente se encaixam. Ele sorri empolgado com o insight antes de falar, eufórico.

– Entendi o que aconteceu. Agora tudo faz sentido!

– Ele está mesmo doente?

– Claro! Mas quando digo que tudo faz sentido, é tudo mesmo! Vou dizer só uma palavra: Maitakan!

O patrulheiro encara os colegas, tentando identificar quem conhece a criatura.

– Ild! Você não sabe o que é Maitakan? Você tem que anotar no seu livrinho.

– Você está certo, Haseid. – Ezelius fala. – Faz mesmo todo sentido. Ele deve estar avançando na doença e daqui a poucos dias vai virar um cogumelo.

– E o que é isso que estão falando? – Tim Gladus pergunta, sem entender nada.

– É um cogumelo. – Sharon responde, com estranha calma, como quem está distraída pensando no que pode ser feito. – Ele contamina a pessoa e vai dominando até o momento em que sai da cabeça um chapéu. A pessoa vira um cogumelo vivo, ambulante, fazedor de maldades e espalhador de sementes que contaminem outras pessoas.

– E ele vi'ra out'ra pessoa?

– Sim, no comportamento. Depois de alguns dias, morre, mas geralmente o estrago já está feito.

– Ele tinha um chapéu...

– O chapéu é dele, mas o negócio tá avançando. – Haseid completa. – Temos que pegá-lo, mas e depois? Não temos como curar.

– Eu tenho cantigas de cu'ra. Só não sei se funciona com esse maitakon.

– É o que estou dizendo! – Wolfgar fala, já exaltado. – Vamos logo cuidar disso, pegar o Neriom pra gente ir atrás das nossas coisas!

– É melhor seguir o conselho de seu amigo. – Tim Gladus concorda. – A passagem está fechando e esse Ne'riom também pode sair do lugar se demo'rarmos.

Haseid sorri e Sharon pergunta, contrariada:

--Estamos esperando o quê mesmo? Vamos resgatar o Neriom!

"Havíamos passado perto das ruínas de uma cidade. Uma vez reestabelecidos na vila, cujo nome ainda preciso me lembrar de perguntar, Wolfgar insistiu para que fôssemos em busca de relíquias. Uma boa missão. Resolvi ir junto. Os meninos das espadas ficaram na vila, empolgados com seus novos brinquedos. No caminho, o anão disse que agradecia meu apoio à sua causa, mas que não esperava comportamento diferente de mim. Seguimos por aquele caminho que havia nos trazido, buscando a entrada que tínhamos visto antes, até que finalmente a avistamos. Ali estava a entrada para as ruínas que pretendíamos explorar"

Haseid se aproxima lentamente do galho onde viu Neriom descansar. Ele ainda estava ali.

Tentando manter o máximo de silêncio, sem nem respirar, o patrulheiro se aproxima e segura rápido o Alvi-

negro. O gnomo percebe no último momento e, por reflexo, coloca a mão nele, mas não consegue segurá-lo ou evitar que o pelado voador o pegue.

– Me devolve meu cajado!

– De jeito nenhum! Pra você ficar se escondendo nas sombras? Não temos tempo pra isso! – Vendo o grupo se aproximando, Haseid jogo o bastão na direção deles. – Guarda, Ild!

Quem o pega é Wolfgar, que olha para o monge franzindo a testa.

– Ele não percebeu que eu estou sem luvas? Mesmo eu estando pelado?

– Alguém tem uma corda? – Haseid pergunta, diante de um gnomo profundamente irritado, babando e já de pé. – Tou a fim de virar cogumelo também não, tá ligado?

– Que corda, Haseid? – Sharon reage. – Estamos sem nada, nem roupas! Esqueceu?

– Tenho algo que pode ajudar. – Tim Gladus fala e dá um passo à frente.

Sharon fica feliz ao ouvir isso, mas franze a testa ao ver que esse algo era a calimba mais uma vez.

– Alguém pode me levar até perto dele?

Haseid desce e pega o tritão, que começa a tocar uma melodia bem calma, olhando fixamente para o gnomo.

Quando os olhares dos dois se cruzam, não demora quase nada. Neriom se abaixa tateando o lugar, se senta e sua cabeça pende para a frente.

– Dormiu! Você é bom, hein! Agora temos que pegá-lo e dar o fora.

– Dá o bardo pra cá. – Ezelius fala, bem do lado do patrulheiro, também voando. – Aí você traz o Neriom.

Haseid pensa um pouco e fala.

– O gnomo é mais leve! Por que você não traz?

– Tem que trazer ele longe do nariz, com o braço esticado. Você é mais forte pra fazer isso.

– Não p’reciso ficar de ca’rona com nenhum dos dois. Podem me devolver ao chão.

– Ele vai dormir por muito tempo?

– Tempo suficiente.

Com a resposta, os três voltam para perto dos outros e Haseid vai novamente até a árvore para trazer o Neriom.

– Estamos progredindo bem. – All Thorn fala. – Podemos ir em direção ao nosso equipamento que Haseid nos acompanha.

– Cla’ro. – Tim Gladus responde e dá um salto em direção ao fosso de água.

– Ei! – All Thorn grita e o tritão para no ar, antes do mergulho. – Você quer dizer que nossas coisas e a saída são debaixo d’água?

– Sim. É o único caminho que conheço.

O paladino olha para os demais colegas do grupo, notadamente preocupados.

– E agora, como a gente faz? – Ezelius pergunta e olha pra Haseid, que se aproxima. – Você não tem uma magia de respirar na água?

– Mais ou menos. Por quê?

– Porque a gente vai precisar entrar na água, ué! – E aponta para o tritão, suspenso, esperando a conclusão da conversa para terminar seu mergulho. – E seria bom podermos respirar lá.

– Será que a gente vai precisar mesmo disso?

– Tim Gladus, não é? – All Thorn volta a falar. – Você está ciente de que a gente não consegue respirar em água como você, não está?

– Nón se p’reocupem. Há uma g’ruta com ar lá embaixo. É onde estão suas coisas.

– Sei não... – Ezelius fala, encarando Haseid de forma meio acusadora. – Isso não me parece boa ideia.

– Se o meu martelo está lá, já fui! – Wolfgar mergulha.

– Para onde vamos, lá dentro? – Sharon pergunta. – Não se empolgue e nos espere pra que ninguém se perca.

– É só seguirem minha musiqué.

Sem entender com clareza o que isso significa, Sharon encara All Thorn e os outros. Os dois concordam. Tim Gladus continua o mergulho e eles o seguem. Os demais vem em seguida.

Haseid olha um pouco, balançando a cabeça, segurando o Neriom.

– Sacanagem... E agora? Vou ter que afogar o coitado? Besto, meu deus dos animais, me ajude nessa hora! Me deixa na mão não...

Ele se concentra em sua magia de respirar na água, aplicando-a sobre o gnomo. Não funciona.

– É, ninguém pode dizer que não tentei. – Ele fala por fim e pensa um pouco a respeito. – Pior que podem. Ninguém me viu tentando. Melhor correr, de qualquer forma, ou eu fico pra trás e me perco. Vamos lá, amiguinho, vou tentar nadar bem rápido.

Haseid fala com o gnomo inconsciente e mergulha no fosso de água, deixando aquele castelo sombrio para trás e seguindo seus companheiros.

"Uma pira de cristal alimentava uma chama perpétua, enquanto em outro lado uma escultura jorrava água. Antes que tivéssemos a chance de investigar melhor a estrutura, um monstro gigantesco emergiu e investiu contra o grupo. Seu corpo media 6m somente de diâmetro. All Thorn mais uma vez foi engolido, com Teraaz e tudo. O monstro cavava túneis com a mesma facilidade que as criaturas aquáticas se deslocam na água. E mergulha no chão diante dos nossos olhos. Após ataques e uma perseguição que terminou em um terceiro túnel recém-criado pelo ser, com Haseid e sua pantera também sendo engolidos no processo, finalmente a criatura foi destruída por uma bola de fogo controlável lançada por Ezelius."

Sharon viu o estranho tritão desaparecer na distância. Preocupada em como achariam o caminho, todos mergulhados n'água, de repente começou a escutar uma

canção suave. Estranhou, pois não esperava ouvir nada assim, estando submersa. E seguiu a origem daquele som. Os outros também foram na mesma direção.

Após mais de um minuto nadando, eles avistam Tim Gladus tocando uma calimba aquática. Um bastão com conchas encravadas de tamanhos muito variados. Ele parte para dentro de uma caverna próxima assim que o grupo chega. O grupo o segue.

Já dentro da apertada caverna, ele aponta pra cima. O grupo obedece e encontra um pequeno espaço com ar.

– Cadê minhas coisas! – Wolfgar pergunta, tão logo retoma o fôlego.

– Ué, acha que cabe alguma coisa tua aqui? – Ezelius pergunta, zombando.

– E cadê esse tritão?

– Deve estar esperando a gente tomar fôlego de novo e mergulhar para seguí-lo.

– Ei, gente... – Haseid fala, preocupado. – Queria atrapalhar não, mas o Neriom não tá respirando.

– Espera... – All Thorn se aproxima do gnomo e coloca a mão em seu peito.

Um suave brilho dourado aparece entre sua mão e seu colega e logo some.

– Aperta ele um pouco.

Atendendo ao pedido, Haseid força o pulmão de Neriom a expulsar parte da água. Seu corpo ainda não se mexe e a respiração volta fraca.

– Ele não vai aguentar a viagem. – Wolfgar fala, preocupado.

– Vão na frente pra abrir caminho. – Ezelius diz. – Eu fico pra ajudar. A gente vai daqui a pouco.

– Vocês vão ficar bem? – Sharon pergunta, preocupada.

– Aí você está querendo demais. – Ezelius responde, rindo. – Vão, que a gente dá um jeito.

Eles mergulham, deixando os três ali mais um tempo.

– Que jeito que você pretende dar? – Haseid questiona, curioso.

– O maluco do chapéu é um foco de doença que ameaça o grupo todo. Vou tocar fogo nele.

– Hein?

– Você se lembra do meu tapinha mágico? Que dá apoio moral? É o que dá pra fazer. E curar, se ele se ferir. Mas, sério, o que aconteceu com sua magia de respirar na água?

– Homem, pare dessa história.

– Sério, Haseid. Nunca mais vi você fazendo magia. Uma de respirar na água ajudaria muito o nanico.

O oganter faz umas caretas engraçadas, como se resistisse a abrir seu coração e revelar a verdade. Finalmente, resolve desabafar.

– Tem uma coisa que eu escondi de vocês. Eu estou sem magias.

– Como assim?

– Besto está com raiva de mim. É isso. Por conta daquela parada lá com a águia no castelo do rei pirata. Tenho que caçar um clérigo de Besto pra descobrir o que é pra eu fazer pra ele se acalmar.

– É nisso que dá magia de deuses. Se você usasse magia arcana não teria esse problema.

– Fácil pra você, que nasceu cheio de magia, né seu feiticeiro?

– Você podia ter estudado e virado mago.

– Eu mesmo não!

– Tá, vamos mergulhar então pra não perdermos o caminho. E torça pro gnomo aguentar. Se ele morrer, a culpa não é minha.

– E é minha, é?

– Fui eu que botei minha vida na mão de outra pessoa?

– Que pessoa?

– Do seu deus aí. Bora!

Os dois mergulham levando Neriom e começam a ouvir a música de Tim Gladus mostrando o caminho.

Após quase dois minutos por cavernas e túneis submersos, eles sobem e acham um salão natural, livre de água. Eles sobem ainda sob efeito da magia de voo e pousam, deitando o gnomo.

Ezelius coloca a mão no ombro do pequeno mais uma vez, deixando o chapéu branco que trazia na outra mão no chão, ao lado da cabeça do colega.

Neriom começa a tossir de repente e é colocado de lado.

– Vão se vestir que eu vigio ele. – Wolfgar propõe, abaixando-se perto de Neriom. – Você está com muitos problemas, meu amigo.

– Você acha que ele está doente? – Tim Gladus pergunta, sentando-se perto.

– Eles falaram que sim. Doença contagiosa, por isso os cambions estavam com medo dele.

Pegando a calimba, o tritão começa a tocar uma melodia calma e bonita.

– Vistam-se. – All Thorn fala. – Não temos muito tempo, segundo o tritão.

– Haseid, não vi a espada élfica. Parece que se perdeu. – Ild comenta.

Ele olha pra todos, escabriado.

– Bom, tem uma coisa que não contei pra vocês...

"Balanço geral é que, além das feridas (boa parte já curadas por All Thorn), perdi meus dois punhais, mas levamos mais de cem pedras preciosas e quatro diamantes, ainda a serem divididos. Como não havia nenhuma criatura nas ruínas, All Thorn não teve como ser engolido dessa vez. De volta à cidade, festejamos o sucesso no empreendimento. O líder local mostrou interesse em conhecer a outra cidade, de onde vínhamos, pedindo para que o acompanhássemos até lá. Seria um contratempo, então combinamos que essa visita seria feita depois, já que tínhamos uma missão a cumprir. Foi a contraproposta que fiz e ele terminou concordando, principalmente porque All Thorn apoiou a ideia, garantindo que passaríamos por lá na volta."

O tritão corre por entre a estreita passagem, seguido por Ezelius, All Thorn e Ild, que ainda fica se virando

para encarar Haseid. O patrulheiro leva Neriom e atrás vem Sharon e Wolfgar.

– Tim Gladus! – All Thorn grita. – Você por acaso não viu um cavalo perto do castelo?

– Um cavalo... Sim, ele saiu atacado, por si'ridemos.

– Conseguiu fugir?

– De onde vocês estavam, sim, mas não sei como se saiu com os si'ridemos que fo'ram at'rás dele.

– Teraaz...

Lá atrás, Ild fala, indignado.

– Não acredito que você fez isso, Haseid! Tem o que na cabeça?

– Tá reclamando de quê? Vocês não tavam implicando comigo que não era certo eu ficar com a espada? Que era de elfo e tinha que ficar com elfo? Então pronto. Problema resolvido!

– É uma relíquia, Haseid! Não é só que é de elfo, é algo muito importante pra dar pra qualquer um.

– Eu dei pra uma elfa, não foi pra qualquer um!

Ild olha espantado pra Sharon, ainda sem acreditar na situação.

– E tem mais! Nem sei porque vocês estão reclamando tanto. Ela é mais elfa que vocês! Você é filho do coiso de fogo e a Sharon é meio anã.

– Uma elfa musculosa? Deve ser meio-ogro também!

– Ild... – Sharon lhe encara em repreensão. – E você é monge, nem usa arma com frequência. Nem depende de armas.

– É o que eu tou dizendo! – Haseid se empolga.

– Além do mais, a espada vai estar sempre perto dele, de qualquer forma.

– Lógico! ... Como assim?

– O patrulheiro vai deixar de patrulhar e vai se mudar pra cidade flutuante quando a gente voltar. Não é essa a sua ideia?

– Claro que não!

– Ei! – All Thorn fala, lá na frente. – Vamos parar de falar besteira e de fazer barulho.

– Sim, senhor capitão. – Haseid responde, fazendo pose de sentido em ironia e quase derrubando o gnomo. – E ele não vai acordar mais não mesmo?

Lá pra frente, Ezelius segue Tim Gladus com transparente curiosidade.

– Você não está levando a gente pra uma armadilha, está?

– Cla'ro, é minha segunda armadilha! Como o plano de emboscar vocês com os seus pertences largados não deu certo, bolei out'ra armadilha dife'rente.

O feiticeiro o encara por um tempo, sério. Então finalmente fala.

– Muito cuidado, tritão, essas piadinhas não dão certo pra você. Só dariam certo se fosse pra mim.

– Ezelius, não intimide o Tim Gladus. – All Thorn lhe pede e continua. – Você viu quantos diabos foram atrás do cavalo?

– Nón fui capaz de ver. Mas não tinha visto cavalo debaixo do chão também.

– É, ele é meu parceiro. Se chama Teraaz.

– Ou se chamava... – Ezelius fala, mas desvia o olhar ao ver a cara irritada do paladino.

– E sua magia de cura? Funcionou no gnomo?

– Eu sinto que sim, mas não totalmente. Deixa a cu'ra agir. Mais tarde toco novamente a canção.

– Certo, parece uma boa ideia. Espero que dê certo.

Lá atrás, Wolfgar se aproxima da Sharon e pergunta baixinho:

– Como é que você se sente?

– Bem, eu acho. Por quê? Pareço doente?

– Sobre essa história do Haseid. Se ele tivesse dado uma relíquia anã pra primeira doida que aparecesse, eu ia ficar muito brabo.

– Ah, isso... O que me chateia nessa história é que os tesouros que a gente acha são meio nossos, de quem achou, e são meio do grupo como um todo. Se livrar de um tesouro para conseguir algo que vai ser útil até vá lá, mas jogar algo importante fora sem nem consultar os outros é que está muito errado.

– Entendi. E o Ild também tava de olho na espada. Se o Haseid não queria, podia ter dado a ele.

– Ah, o Ild é um acumulador!

O anão dá uma gargalhada de repente e Haseid se vira.

– Ei, tão falando de mim não, né?

– É lógico que estamos! – Wolfgar responde e Sharon ri também.

– Aí é lasca. Tão falando de que agora? O cabra fica pelado e ninguém acha graça, depois ficam mangando eu vestido.

– Você deve saber qual é o assunto. – Sharon responde.

– Tem a ver com a espada, não é? Espero que não seja nenhuma piadinha sacana, seu anão!

– Corram! – Ezelius grita para eles, de lá da frente.

Haseid vê o feiticeiro passando por uma passagem larga com facilidade, mas sabendo que seu corpo e o de Wolfgar são maiores, corre em direção a ela. Parecia ser só parte do corredor, mas raízes enormes já estavam tomando metade do lugar.

"Antes de partirmos, o monge tinha uma pendência que levaria doze horas: meditar perto daquela fonte de pedra que jorrava água. O grupo foi em massa lhe dar apoio. O que seriam doze horas se tornaram vinte. Deve ter sido muito cansativo: quando concluiu, felizmente com sucesso, ele simplesmente apagou. O bom é que com todo esse tempo livre, consegui avançar um bocado nos meus estudos teóricos de alquimia. Precisamos agora de uma noite de descanso para partirmos logo após. O grupo precisa, não eu. Ao amanhecer, seguimos rumo ao leste, conforme planejado. Enquanto seguíamos, recordei um sonho. Havia um anão gigante e, em sua cabeça, um gnomo estava sentado. Não sei o que isso pode significar, mas achei bom registrar no meu grimório."

Wolfgar teve que ir primeiro e receber Neriom dos braços de Haseid para que este conseguisse se abaixar

e passar. Todos conseguiram ir além das raízes, seguindo o corredor por onde vínhamos.

– Isso aqui vai se fechar mesmo? – Ild pergunta à Sharon.

– Espero que sim. Pelo menos a ideia era essa. Tim Gladus deve ter conhecido esse caminho antes e percebido que a raiz está crescendo e fechando esta passagem também. Senão, não tinha pra que aquela pressa dele.

– Ele pode estar enrolando a gente e só queria sair rápido, sem chance de a gente voltar pra lutar contra os cambions e perder de novo.

A elfa pensa um pouco no assunto.

– Tem sentido, mas você mesmo viu a raiz. É da árvore que plantamos e ela cresce rápido, e não se deixa cortar. Você tem um bom argumento, mas acho que o Tim Gladus foi honesto.

– Tá, se você tá dizendo... Mas acho que ele está a fim de você.

– Por quê?

– Pelo jeito como ele te trata, ué!

– Sei...

– Além do mais, se ele estiver interessado em mim, isso é problema dele, não meu.

Um pouco à frente, Wolfgar tem um estalo e fala pra Haseid.

– Sabe o que me ocorreu agora? Será que esse tritão sabe mesmo pra onde está levando a gente?

– Deve saber, ué! Ele não levou a gente até debaixo da árvore?

– Foi, mas ele é um bardo! Não era pra você ou a Sharon ir lá na frente perto dele, olhando o caminho?

– É verdade... Ei, Sharon, quer ir lá na frente ajudar o tritão não?

– Pode ser. Se ele precisar de ajuda. Ele não disse que sabe o caminho?

– Ele é bardo, não é das trilhas. E é de debaixo d'água ainda por cima.

Sharon pensa um pouco olhando ao redor.

– Está bem. Vamos organizar essa bagunça. Wolfgar, você fica no final, protegendo a retaguarda.

– Eu prefiro ir lá na frente.

Ignorando o anão, ela prossegue.

– Ild, fica por perto do Wolfgar, de olho no Haseid e no Neriom. Eu vou passar pelos dois e organizar o restante.

A elfa passa por Haseid e segue, dando instruções aos demais, até acompanhar Tim Gladus.

– Você sabe para onde está nos levando?

– Cla’ro que sei.

– Já passamos pela árvore. Para onde estamos indo agora?

– Pa’ra o mais longe possível daquele castelo infernal.

A elfa segura o ombro do tritão, forçando-o a parar. Respira fundo antes de dizer:

– Nós temos um lugar para onde devemos ir. Tem aquele corredor que nos levou ao castelo, que a entrada hoje está bloqueada. Você consegue nos levar até lá?

– Olhe, tem um espaço grande ali na f’rente.

Eles andam um pouco, à procura dos caminhos possíveis. É Tim Gladus quem primeiro nota e fala pra Sharon:

– Espe’re. Há inimigos aqui.

Ele aponta em uma direção e ela vê um lagarto se esgueirando, tentando pegá-los de surpresa.

Talvez percebendo que foi visto, ele corre em direção à elfa. Salta rápido, quase o suficiente para alcançá-la, mas Sharon consegue girar o corpo no último instante, desviando por pouco daquelas garras afiadas.

Outros lagartos começam a se aproximar lentamente. Sharon fica surpresa mais uma vez ao ver Tim Gladus sacar não uma arma, mas sua calimba.

Começa a tocar uma música calma, mas parece não agradar aqueles bichos. Um deles salta sobre o tritão e morde o instrumento, arrancando-o de suas mãos.

– Ei! – Tim grita em protesto, mas dois outros lagartos aparecem, prestes a saltar sobre ele.

– Agora sim! – É a voz de Ezelius, que acaba de chegar ainda sob efeito da magia de voo. Prontamente, dispara uma magia de relâmpago, que acerta uma das criaturas, saltando para atingir a outra em sequência. Depois tenta uma terceira, mas a magia se perde.

Aproveitando o ataque mágico do aliado, Sharon dispara sua flecha de gelo nos mesmos dois alvos que Ezelius acabava de acertar. O primeiro é ferido mortalmente, mas o segundo sequer é atingido.

All Thorn aparece na abertura, olha ao redor e vai para perto dos batedores, com o escudo posto em proteção.

– O que está havendo?

– São só predadores. – Sharon responde. – Pensam que somos a caça deles.

– Não hoje. – O paladino responde.

– Não hoje. – A elfa confirma, tensionando o arco.

“Como mais bolas de fogo poderiam chegar a qualquer momento, achei que seria mais prudente recuar com Haseid para voltar à cena depois de estar pelo menos sem risco de morte súbita. Quando o arrastava dali, um gelo espiritual me atingiu e tudo ficou confuso. É como se eu fosse incapaz de me mover ou, ainda mais, incapaz de pensar em me mover. Só depois eu soube que naquele momento nosso grupo havia sido quase inteiramente afetado. Apenas o novato estava em condições de lutar. Tudo ficou confuso depois daquele ataque. Era como se estivéssemos sob uma névoa intensa. Sons estranhos e cansaço como se minha alma tivesse sido tocada por alguma entidade perversa. Não sei quanto tempo passou, mas quando acordei estava presa em correntes.”

A batalha não durou muito. Bastou mais um dos lagartos cair e os outros perceberam o risco e correram dali.

– Por aui. – Tim Gladus chama para um túnel novo.

– Tem certeza? – Sharon pergunta. – Vamos retomar o caminho por onde viemos se seguirmos por aí? – Sharon pergunta.

– Penso que sim.

– Então vamos.

– Espera! E esses lagartos? – Haseid pergunta ao chegar.

– Atacaram a gente. Eram mais. Eles fugiram.

– Vamos aproveitar a carne deles! Talvez sirva pra gente comer mais tarde. – Ele diz, deixando Neriom no chão e indo em direção aos corpos dos inimigos derrotados.

– Eu estava pensando uma coisa... – Ezelius se aproxima de Tim Gladus e Sharon. – Dizem que tritões são um povo que gosta de guerras, de violência. Você nem usa arma. Tem certeza que é tritão mesmo?

– Cla’ro que sou!

– Isso lá é pergunta que se faça? – Sharon questiona.

– Hmmm... Será que ele não lançou um encantamento em você, Sharon? Pra você defendê-lo assim.

– Entendo você. – O tritão se encosta em uma parede da caverna, pensativo, enquanto Ild e All Thorn se aproximam também. – Na verdade, eu nunca gostei de guerras, mas entendo que não há como fugir delas. Não gosto de armas, p'refi'ro guerrear do meu jeito.

– Isso nem faz sentido.

– Por isso que deixei meu povo.

Faz-se silêncio por um tempo, com todos pensando nessas palavras, até que Ezelius volta a falar.

– Tem outra coisa que me preocupa, caro Tim Gladus: o pagamento que você pediu a All Thorn. Ele é humano, pouco vivido e ingênuo, mas eu ainda estou lembrado disso.

All Thorn olha espantado, mas não o corrige. A conversa tomou esse rumo, que ele evitaria, mas também considera a questão importante. Ele presta atenção no que o bardo dirá.

– Você está certo. Eu devo mais explicações, mesmo tendo salvo a vida de todos vocês. P’retendia falar disso no p’róximo repouso pa’ra nón atrasarmos nossa ida.

– E para onde está levando a gente afinal de contas?

– Pa’ra onde importa.

– E onde é isso?

– O mais longe possível daquele castelo!

– Quer dizer que tu tá levando a gente na doida? – Haseid grita, levantando-se, perto dos lagartos mortos.

– Eu salvei vocês e me salvei também, mas temos que ir longe daquele lugar se quisermos viver!

Ezelius muda sua expressão, transparecendo mais calma.

– Agora entendo melhor. O que aconteceu com vocês?

– Vocês quem? – Ild pergunta, mas Tim gladus havia entendido.

– É’ramos quat’ro. Fomos pegos na porta do castelo. Eu consegui fugir, mas meus amigos nón.

– E o que aconteceu com eles? – Ild pergunta, surpreso.

– Você deve imaginar. P’rovavelmente o mesmo que acontece’ria com vocês.

– E por que você não salvou eles como fez com a gente?

– Acha que eu nón gosta’ria? Nón pude.

Ezelius se senta, a meia distância, com expressão satisfeita. Diferente de Ild, que segue incomodado.

– Mas você conseguiu salvar a gente! Podia ter salvo eles.

– Eu nón te’ria salvo se pudesse?! – Tim Gladus pergunta, começando a se irritar. All Thorn decide intervir.

– Ild... Esses eventos... Isso que Tim Gladus falou, são muito pesados. Deve ser difícil para ele. Não é momento de acusações, não acha?

– Tudo bem então!

– Podemos prosseguir.

– Pra onde?! Ele não sabe pra onde está indo!

– Deixa ele levar a gente! – Ezelius pede. – Eu sei para onde a gente não está indo e por enquanto basta.

– Você tá doido?

– Depois a gente acampa e pensa melhor na direção certa. Talvez até um deus faça um de vocês sonhar com o caminho certo, como já aconteceu.

All Thorn dá um rápido sorriso e conclui.

– Ele está certo. Haseid? Já terminou? Precisa de ajuda? Vamos, que não adianta perdermos mais tempo aqui. E como vimos, aqui pode ser perigoso.

Após completar a coleta da carne, a formação é refeita e eles entram em um corredor, deixando a arena para trás.

Mal satisfeito, Ild ainda vai falar com Ezelius.

– Você não tava preocupado também? Não entendi porque ficou tão calmo. E olhe que eu é que sou o monge.

– Ele pareceu sincero. Sua história faz sentido.

– E daí? Ele pode ter inventado! Vamos ficar à toa por aí?

– Vamos, mas é por pouco tempo. Não vai ser a primeira vez, de qualquer forma.

– Sei... E aquela história de favor? Esqueceu, foi?

– Olhe para ele, Ild! O favor, provavelmente, é protegê-lo até chegar em alguma cidade minimamente segura.

– E se você estiver errado?

– Aí deve ser pra escoltá-lo até mais longe. Ainda assim, valeu a pena.

"Tínhamos que partir no dia seguinte. Usando três gemas do tesouro do grupo, comprei montarias para aqueles que não tinham montaria ainda. Três montarias no total. Para Ezelius, Magalith e para mim. Não foi agradável me desfazer de parte importante do nosso pouco tesouro, mas os cavalos eram bons. Seriam úteis e eu esperava que fosse por muito tempo. Mal amanhecia, nós deixávamos para trás aquela boa vila que nos havia acolhido tão bem. Não podíamos nos demorar mais. Tínhamos uma missão a cumprir. Ainda temos, na verdade. Quando finalmente a concluirmos é que poderemos ter um pouco de sossego."

O grupo segue por mais algumas horas sob condução de Tim Gladus.

– Você tem certeza que está nos levando para longe do castelo, certo?

– Quase certeza. Tanto quanto possível.

– Vamos ter que nos conformar com isso. Agora me dei conta de que o fato de termos cruzado a raiz não significa que estamos indo para onde queremos. Sob o castelo pode haver caminhos diferentes daquele, que levariam para diferentes lugares.

– Espe’re! – O tritão fala de repente e começa a se abaixar devagar.

– O que foi? Mais lagartos? – Sharon pergunta, já preparando seu arco.

– Nón. Ainda nón conheço.

A elfa se aproxima também para ver do que se trata. Era um estranho besouro, de corpo arredondado como uma uva, de pernas longas e finas.

– É só um besouro.

– Sim, mas nón son fascinantes?

– Tá, tudo bem, quer levar pra criar? Pegue e vamos seguir. Aqui está cheio de besouros, insetos e, quem sabe, também mais lagartos como aqueles que nos atacaram.

– Tudo bem. – Ele se ergue, pronto para prosseguir, mas Sharon repensa a situação ao perceber logo à frente um conjunto de túneis para diferentes direções.

– Quer saber? Fique aí apreciando seu novo amigo. Vou procurar um canto pra gente descansar. Estamos andando há muito tempo.

Olhando a pequena criatura com sincera curiosidade, Tim Gladus nem percebe a aproximação de All Thorn.

– O que houve? Cadê a Sharon?

Como quem desperta de um transe, o tritão encara o paladino e sorri. Começa a cantar.

– Minérios de ouro preso em pedra bruta
“Tesouros pra quem consegue separar
Cristais e mais pedras de pura beleza
São joias divinas a se lapidar
Moedas de ouro, objetos perfeitos
De quem foi embora e esqueceu de levar
Relíquias de antigas civilizações
São vivas memórias daquele lugar
Mas a vida simples que anda no chão
Também é tesouro pra quem pode ver”

– Interessante. Você gosta de insetos. Mas onde está a Sharon?

– Foi p’rocu’rar um lugar pa’ra descansarmos. Disse que estamos andando há muito tempo.

– Isso é verdade. Tudo bem. Vamos esperá-la então.

Haseid deposita Neriom no chão perto dos dois e alonga as costas.

– Sharon foi procurar um canto pra gente?

– Foi.

– Certo. Ela foi pra onde?

– Seguiu em f’rente.

– Eu sei, meu amigo, mas olha ali! Tem um monte de túneis!

– Não sei pa’ra qual ela foi.

– É, você tinha algo mais importante pra se preocupar: um besouro. Tá, vou tentar rastreá-la pra ir ajudar. Fiquem de olho no Neriom.

Haseid segue analisando o chão com cuidado, enquanto os membros restantes da equipe chegam e se reúnem em torno do gnomo caído.

– Um besouro... – Ild comenta, notando o motivo da atenção persistente de Tim Gladus. – Bonitinho, mas tenha cuidado. Nem todo inseto é inofensivo.

Não demora e a Sharon volta, sozinha.

– Vamos. Já temos um refúgio. Haseid está preparando a comida.

E eles vão. Wolfgar leva o pobre gnomo desacordado, enquanto Tim Gladus vai visivelmente distraído.

Uma das entradas se aprofundava dentro da terra só algumas dezenas de metros, subindo. Um beco sem saída. Foi o local aproveitado para descanso, após serem postas pedras tapando metade da entrada.

Enquanto este último serviço terminava, uma música suave ecoa naquele ambiente fechado.

– Tim Gladus! Para com isso! Pode atrair inimigos! – Sharon o repreende prontamente.

– Estou tentando de novo cu'rar seu amigo. – O tritão responde, sem parar de tocar, apontando para Neriom.

Sem muito o que fazer, resta-lhe apenas relaxar e ouvir a música também.

Todos comem daquela carne de lagarto. Tim Gladus estranha, mas se esforça para comer também. E vão descansar. Sharon fica com o primeiro turno, enquanto Ild faz sua meditação restaurativa.

A vigília se prolonga por horas tranquilas. O monge chega e libera a elfa de seu posto para que descanse também. Tudo segue com igual tranquilidade, até que o humano desperta antes da hora.

Cárlisson Bardo

Blog: https://blog.cordeis.com/

Mastodon: https://ursal.zone/@bardo

Loja: https://cordeis.com/